

NEWSLETTER **ABEMI**

Associação Brasileira de Engenharia Industrial

OUTUBRO 2026

ENGENHARIA HÍBRIDA: INTELIGÊNCIA HUMANA E IA CONSTRUINDO O FUTURO

Ao organizar a 2ª Jornada de Engenharia da ABEMI, partimos de uma questão que já está presente no cotidiano das nossas empresas: como ampliar a capacidade de produzir, com qualidade, incorporando a inteligência artificial ao trabalho da engenharia?

Ao longo do encontro, ouvimos experiências de quem contrata, projeta, constrói, opera e desenvolve tecnologias. Essa diversidade trouxe uma contribuição importante: pudemos discutir a transformação digital a partir dos desafios concretos dos empreendimentos.

Os debates mostraram que há oportunidades para reduzir tarefas repetitivas, melhorar o planejamento e aproveitar melhor o conhecimento acumulado em cada projeto. A experiência de quem conhece os processos industriais continua sendo decisiva. É ela que permite formular boas perguntas, avaliar respostas e reconhecer os riscos de cada escolha.

A Jornada foi pensada para gerar conteúdo técnico, discutir o futuro e aproximar os diferentes agentes da engenharia industrial. Saímos desse encontro com experiências para compartilhar e questões que merecem continuidade dentro das empresas e da própria ABEMI.

Agradeço aos participantes, palestrantes, patrocinadores, apoiadores e à equipe que tornou esse trabalho possível. Nosso próximo passo é dar continuidade a essas conexões e transformar o conhecimento compartilhado em melhorias para a engenharia.



Thomaz Miglio, diretor de Engenharia da ABEMI e coordenador da Jornada

TECNOLOGIA E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL PARA UMA **ENGENHARIA** MAIS PRODUTIVA



Nelson Romano, presidente da ABEMI durante a Jornada : evento reuniu mais de 180 participantes

Na abertura, o presidente da ABEMI, Nelson Romano, destacou que inteligência artificial, automação e engenharia baseada em dados já estão mudando a maneira de projetar, construir e operar empreendimentos industriais. Para Nelson, as oportunidades em óleo e gás, mineração, energia e infraestrutura exigem uma engenharia mais produtiva e integrada, apoiada na experiência e na capacidade de decisão dos profissionais.

Ele ressaltou o papel da ABEMI na preparação das empresas para esse cenário e na aproximação entre os diferentes elos da cadeia. “A inteligência artificial pode processar informações, antecipar riscos, automatizar tarefas e aumentar a produtividade, mas é o profissional que conhece o contexto, avalia as consequências e toma as decisões.”



Um dos keynote speakers do evento, Fabrício Soares, da Petrobras

PETROBRAS: ENGENHARIA PREPARADA PARA VIABILIZAR A CARTEIRA DE PROJETOS

Fabrício Soares, gerente-geral de Engenharia de Refino, Gás e Energia da Petrobras, apresentou as perspectivas da companhia para projetos industriais e os desafios de transformar oportunidades de investimento em empreendimentos.

A exposição reuniu iniciativas de ampliação da capacidade de refino, melhoria da qualidade dos combustíveis, infraestrutura logística, fertilizantes e produtos de menor intensidade de carbono, mostrando a diversidade das frentes de atuação da empresa.

Entre os desafios, destacou a variedade da carteira, a adoção de novas tecnologias e a capacidade de execução do mercado.

Esse cenário reforça a importância do planejamento e da integração entre as equipes da companhia e a cadeia de fornecedores, considerando as necessidades e as particularidades de cada empreendimento.

O executivo defendeu a participação da engenharia desde a avaliação das oportunidades de negócio, contribuindo para o amadurecimento dos projetos e a definição de soluções técnicas. Também ressaltou a aproximação antecipada com fornecedores como parte desse processo, ampliando a visibilidade sobre as demandas e as condições necessárias à execução.



Fernando Guimarães, da Vale durante sua apresentação



VALE: INVESTIMENTOS, GOVERNANÇA E CONHECIMENTO APLICADO AOS PROJETOS

Fernando Guimarães, diretor de Governança e Avaliação Técnica de Projetos da Vale, apresentou o panorama de investimentos da companhia e as oportunidades de participação das empresas de engenharia.

A palestra abordou a avaliação de maturidade dos projetos, a integração entre engenharia, construção e operação e o avanço da gestão digital.

Fernando também apresentou aplicações de inteligência artificial na análise de riscos, comparação de propostas e recuperação de lições aprendidas. A qualificação profissional e a ampliação das parcerias com o mercado apareceram entre os principais desafios. “Aprender com os projetos, capturar essas lições aprendidas, registrar e disseminar: isso é uma estratégia nossa.”

ACELEN: EFICIÊNCIA E COMBUSTÍVEIS RENOVÁVEIS NA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA



Celso Ferreira,
da Acelen Renováveis

Celso Ferreira, vice-presidente executivo de Operações da Acelen Renováveis, apresentou a trajetória de modernização da Refinaria de Mataripe e os projetos da companhia em combustíveis renováveis. A apresentação conectou a evolução das operações de refino às oportunidades de diversificação da produção e desenvolvimento de novas cadeias de valor.

O executivo mostrou como digitalização, inteligência artificial e manutenção preditiva vêm apoiando a eficiência e a confiabilidade operacional. A integração dessas ferramentas à rotina da refinaria contribui para antecipar necessidades de manutenção e apoiar decisões,

reforçando o papel da tecnologia na modernização dos processos industriais. Celso também apresentou o desenvolvimento da cadeia da macaúba para produção de combustível sustentável de aviação e diesel renovável. A iniciativa conecta pesquisa agrícola, tecnologia industrial e novas oportunidades de investimento, ampliando a relação entre inovação no campo e produção de energia.

Sua exposição reforçou a importância de pensar a transição energética de forma integrada “Segurança energética, eficiência e transição devem ser pensadas juntas e de maneira integrada.”



Fernanda Tauffenbach,
da Deloitte

PROEC 4.0: PESSOAS E TECNOLOGIA NA TRANSFORMAÇÃO DO TRABALHO

Na programação de abertura, Fernanda Tauffenbach, da Deloitte, apresentou o ProEC 4.0, iniciativa da ABEMI em parceria com a consultoria para apoiar a evolução da engenharia e construção. A apresentação trouxe uma reflexão sobre como integrar novas tecnologias às necessidades das empresas, considerando os processos de trabalho e as pessoas responsáveis por conduzir essa transformação.

Conexão entre empresas

Fernanda destacou que os resultados da inteligência artificial dependem de mudanças na organização do trabalho, na preparação das equipes e na qualidade dos dados. Mais do que incorporar ferramentas, esse movimento exige clareza sobre os desafios a enfrentar e os resultados esperados, além de condições para que os profissionais utilizem os novos recursos em suas atividades.

O ProEC 4.0 foi apresentado como um espaço de conexão entre empresas, especialistas, academia e fornecedores de tecnologia, voltado ao conhecimento aplicado, à capacitação e à experimentação. A proposta aproxima diferentes experiências e competências para estimular a troca de conhecimento e apoiar o desenvolvimento de soluções alinhadas à realidade do setor.

Nesse contexto, a identificação dos problemas que precisam ser resolvidos orienta a escolha das tecnologias e ajuda a dar propósito à inovação. A pergunta feita por Fernanda sintetizou essa perspectiva, colocando as necessidades do negócio como ponto de partida para a transformação: “Qual o problema real que nós queremos resolver antes de escolher a tecnologia?”



PAINEL 1 - GRANDES PROJETOS INDUSTRIAIS NO BRASIL: RISCOS, COMPETITIVIDADE E A ENGENHARIA NA ERA DA IA

Sob a moderação de Márcio Cancellara, vice-presidente da ABEMI, o debate reuniu representantes de Petrobras, Unipar, Construtora Barbosa Mello e AP Engenharia para discutir como transformar as perspectivas de investimento em empreendimentos bem executados. Os participantes destacaram a maturidade dos projetos, a consistência dos dados de entrada e o envolvimento antecipado de projetistas e construtores.

Também defenderam relações contratuais que favoreçam a colaboração e o compartilhamento de informações, reduzindo mudanças tardias, retrabalho e conflitos. Na abertura do painel, Márcio chamou atenção para a necessidade de aproveitar as

as oportunidades sem repetir os problemas de ciclos anteriores. “Isso é uma grande oportunidade para toda a cadeia produtiva de engenharia: projetistas, construção, montagem, fabricantes e logística”, afirmou Cancellara.



Guilherme Bechara, da
Construtora Barbosa Mello



(Da esq. para a dir.) Priscila Coutinho, da AP Engenharia e Caio Cossa, da Unipar

Na visão dos contratantes, a maturidade técnica e econômica dos projetos é decisiva para dar consistência às contratações. Fabrício Soares, da Petrobras, destacou a visibilidade da carteira, a avaliação de maturidade ao longo das etapas de desenvolvimento e o controle de mudanças durante a execução.

Pela Unipar, a discussão reforçou a importância de respeitar as etapas da engenharia e de alinhar as decisões de investimento à efetiva preparação dos projetos, evitando antecipações que comprometam os resultados. A qualidade dos dados de entrada foi um dos pontos centrais da contribuição de Priscila Coutinho, diretora de Operações da AP Engenharia.

Construção virtual

A executiva explicou que informações alteradas durante o desenvolvimento, interfaces mal definidas e decisões ainda não consolidadas geram impactos sobre custos, prazos e a dinâmica do empreendimento. Defendeu, também, o envolvimento de projetistas, construtores e equipes de operação desde a construção das soluções.

Guilherme Bechara, da Barbosa Mello, destacou o engajamento antecipado da construção e a adoção de modelos contratuais que priorizem os resultados do empreendimento.

Ao apresentar a experiência da empresa com construção digital, mostrou como o compartilhamento de informações permite acompanhar a execução, antecipar dificuldades e melhorar o diálogo com o cliente. “O nosso lema hoje é construir virtualmente antes do mundo real.”

O debate também evidenciou que a tecnologia depende da qualidade das informações e da análise crítica dos profissionais. Ferramentas digitais podem ampliar a produtividade, mas dados incorretos também podem multiplicar erros. Por isso, capacitação, experiência técnica e colaboração precisam acompanhar a adoção de novas soluções.



(Da esq. para dir.) Marcelo Brandão (Petrobras), Guilherme Klein (Siemens) e Thiago Oliveira (Aveva)

PAINEL 2 - ENGENHARIA HÍBRIDA: A COLABORAÇÃO ENTRE HUMANOS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM PROJETOS DE ENGENHARIA

O painel sobre colaboração entre humanos e inteligência artificial reuniu Petrobras, Braskem, AVEVA, Octave, Autodesk e Siemens. A discussão mostrou que o avanço da IA na engenharia depende de dados estruturados, rastreáveis e integrados ao longo do ciclo de vida dos ativos, além da experiência dos

profissionais para interpretar informações e orientar decisões. Marcelo Brandão, da Petrobras, apresentou a trajetória da companhia na adoção de uma engenharia centrada em dados. Relatou como a organização das informações dos projetos criou uma base para novas aplicações de inteligência artificial, incluindo ferramentas de consulta a documentos técnicos e ao histórico de empreendimentos. Nesse modelo, a tecnologia reúne informações para apoiar a análise, enquanto o engenheiro avalia o contexto e define a resposta.

A experiência da Braskem mostrou a aplicação dessa integração na operação industrial. A companhia apresentou a digitalização de plantas e o uso de gêmeos digitais para apoiar o planejamento de uma parada.



Guilherme Klein (Siemens)



(Da esq. para a dir.) Marcus Centurión (Autodesk), André Fregolente (Octave) e Luís Barreto (Brasken)

Pelos fornecedores de tecnologia, o debate trouxe exemplos de modelagem, automação e interfaces em linguagem natural. Thiago Oliveira, da AVEVA, destacou o uso de IA generativa para propor alternativas de rotas de tubulação e apoiar a produção de entregáveis de engenharia. Ressaltou que esses recursos devem valorizar o conhecimento técnico e ampliar o tempo disponível para atividades de análise. “É IA com o humano, com o engenheiro, com o projetista no centro do processo.”

Proteção das informações

Na perspectiva da Siemens, as aplicações industriais exigem confiabilidade, proteção das informações e compreensão da linguagem específica dos processos. O conhecimento acumulado pelas empresas é parte essencial desse contexto: disponibilizar dados à IA exige também preservar o significado técnico e as condições em que eles devem ser utilizados.

Marcos Centurion, da Autodesk, destacou que a inteligência artificial já permite explorar alternativas, realizar simulações e apoiar a análise de riscos. A avaliação das soluções propostas, porém, permanece sob responsabilidade dos profissionais. “Conseguimos gerar vários cenários, vários projetos, mas a análise final ainda é nossa.”

A responsabilidade técnica e o pensamento crítico atravessaram toda a discussão. A colaboração entre humanos e IA ganha valor quando combina capacidade de processamento, informações confiáveis e conhecimento de engenharia, permitindo que os profissionais dediquem mais atenção à qualidade das soluções e às consequências de cada decisão. a vez mais indispensáveis para garantir a competitividade do setor.

PAINEL 3 - DA ENGENHARIA À FÁBRICA: MODULARIZAÇÃO, FABRICAÇÃO DISTRIBUÍDA E O CANTEIRO DIGITAL NA INDÚSTRIA BRASILEIRA



(Da esq. para a dir.) Diego Brasileiro (Acelen), Marcelo Mor (Alvarez & Marsal), Edgar Pontim (Porsche Consulting) e Frederico Doher (Petrobras)

Moderado por Marcelo Neves, da Tenenge, o painel reuniu experiências de Petrobras, Lean Institute Brasil, Acelen, Alvarez & Marsal e Porsche Consulting sobre produtividade e transformação da execução dos empreendimentos. A discussão destacou a importância de aproximar engenharia, planejamento e construção para que as soluções concebidas no projeto se traduzam em ganhos no canteiro.

O debate contemplou modularização, fabricação fora do canteiro e aplicação de princípios lean. Essas práticas ampliam as possibilidades de organizar a execução, reduzir desperdícios e tornar o fluxo de trabalho mais previsível. Seu aproveitamento depende, porém, de decisões tomadas desde o desenvolvimento da engenharia, considerando as condições de fabricação, transporte e montagem.



A integração entre planejamento, suprimentos e construção foi apresentada como essencial para dar continuidade às atividades. Projetos, materiais, equipamentos e equipes precisam estar disponíveis de forma coordenada, evitando que falhas



Marcelo Mor
(Alvarez & Marsal)



Marcelo Neves (Tenenge) e Frederico Doher (Petrobras)

nessa conexão provoquem esperas, improvisações e retrabalho. Nesse contexto, a produtividade depende tanto da execução de cada tarefa quanto da qualidade das interfaces entre as etapas do empreendimento.

Os princípios lean contribuíram para a reflexão sobre a organização dos processos e a identificação de atividades que consomem recursos sem agregar valor. O foco na redução de desperdícios reforçou a importância de planejar o trabalho de forma integrada e acompanhar sua realização, criando condições para identificar obstáculos e corrigir desvios.

Acesso a informação

A digitalização do campo também ganhou espaço, com exemplos de acesso a informações em tempo real, inspeções remotas e ferramentas para aumentar a segurança dos trabalhadores. A conectividade foi destacada como uma condição para

aproximar as equipes das informações necessárias à execução e tornar os recursos digitais mais presentes na rotina das obras.

A conexão entre os dados gerados na engenharia e as atividades de campo permite apoiar decisões mais rápidas e acompanhar o avanço dos empreendimentos com maior consistência. Ao mesmo tempo, as informações da execução ajudam a atualizar o planejamento e a identificar necessidades de ajuste. O painel reforçou que melhorar a produtividade exige combinar métodos de gestão, tecnologia e colaboração entre as equipes. Da concepção à montagem.



Fábio Picchi
(Lean Institute)

PAINEL 4 - TECNOLOGIAS DE PROCESSO: INOVAÇÃO E DESCARBONIZAÇÃO INDUSTRIAL



(Da esq. para a dir.) Thomaz Miglio (AP Engenharia), Alex Freitas (HONEYWELL/UOP), Thiago Carminatti (Petrobras) e Ivo Lima (BRASKEM)

Com moderação de Thomaz Miglio, representantes de Petrobras, Honeywell UOP, Axens e Braskem discutiram o papel das tecnologias de processo na competitividade da indústria e na produção de combustíveis de menor intensidade de carbono. O debate conectou desenvolvimento tecnológico, modernização dos ativos existentes e viabilidade econômica dos novos empreendimentos.

Na abertura, Thomaz propôs uma reflexão sobre a dependência tecnológica brasileira e os caminhos para ampliar a participação do país no desenvolvimento de soluções industriais. A discussão destacou a importância de aproximar pesquisa, engenharia e indústria, construindo

parcerias que permitam transformar conhecimento em aplicações em escala comercial.

Thiago Carminatti, da Petrobras, ressaltou a contribuição da pesquisa para o desenvolvimento de produtos de baixo carbono e para a redução das emissões das operações. Ao discutir como acelerar essas iniciativas, defendeu que as decisões tecnológicas estejam alinhadas à estratégia da companhia, às condições de mercado e à capacidade de execução.

Thiago Carminatti (Petrobras)





Rodrigo Teixeira Pinto, da Axens, chamou atenção para as oportunidades de descarbonização nas plantas em operação. Modernização de equipamentos, eliminação de gargalos e melhorias de eficiência energética podem trazer resultados sem depender exclusivamente da construção de novas unidades de biocombustíveis.

Nesse contexto, destacou o papel das ferramentas digitais no acompanhamento contínuo dos processos e na antecipação de desvios operacionais. “Você ganha em operabilidade, você ganha em eficiência energética e isso tudo é descarbonização.”

Combustível sustentável

As diferentes rotas de produção de combustível sustentável de aviação, o SAF, foram discutidas por Alex Freitas, da Honeywell UOP. O executivo explicou que a rota HEFA, baseada no processamento de óleos e gorduras, avançou apoiada na maturidade

tecnológica, em cadeias de suprimento estabelecidas e na possibilidade de integração com refinarias existentes. Sua expansão, porém, encontra limites na disponibilidade de matérias-primas, abrindo espaço para alternativas como a produção a partir de etanol e, futuramente, combustíveis sintéticos.

Pela Braskem, Ivo Lima apresentou os critérios que orientam a escolha entre desenvolver tecnologias internamente, buscar parceiros ou contratar licenciamentos. A decisão considera a relação da tecnologia com os negócios da companhia, os recursos disponíveis e a capacidade de ampliar a escala de produção.

Rodrigo Teixeira
Pinto (Axens)



PAINEL 5 - BOT, EPC E AFRETAMENTO: CONTRATOS E COMPETITIVIDADE NO OFFSHORE



(Da esq. para a dir.)
Cedric Romano (DBR Energies) e
Gilberto Israel (ECOVIX)

O painel moderado por Jorge Mitidieri reuniu representantes de Petrobras, DBR Energies e Ecovix para analisar os modelos de contratação de plataformas de produção, armazenamento e transferência de petróleo, os FPSOs. O debate mostrou como a escolha contratual influencia a estruturação dos empreendimentos e a participação das empresas ao longo da cadeia de fornecimento.

A discussão tratou da distribuição de riscos, das exigências de financiamento e garantias e dos efeitos de cada modalidade sobre projetistas, construtores e operadores. Além dos aspectos técnicos, o formato de contratação define responsabilidades e condições que impactam a capacidade das empresas de apresentar propostas e executar os projetos.

A Petrobras apresentou a evolução de suas estratégias de contratação e a incorporação do modelo BOT à carteira. A análise das modalidades BOT, EPC e afretamento trouxe ao debate diferentes formas de organizar a construção, a operação e os compromissos financeiros dos empreendimentos, considerando as particularidades de cada projeto.

As exigências de financiamento e garantias ganharam destaque por sua relação com a viabilidade das propostas. A capacidade de assumir compromissos e administrar riscos precisa acompanhar a competência

Lourenço Froes
(Petrobras)



técnica, conectando as decisões contratuais às condições de execução. Essa relação também influencia as oportunidades de participação das empresas brasileiras nas cadeias internacionais de fornecimento.

Engenharia consultiva

Pela perspectiva da engenharia consultiva, Cedric Romano, da DBR Energies, ressaltou a qualificação dos profissionais e a capacidade das empresas nacionais de desenvolver soluções para o setor offshore. Sua contribuição evidenciou a importância de distinguir a competência técnica dos demais fatores que condicionam a competitividade nos projetos. “Tecnicamente, nós certamente somos competitivos. Não devemos nada a ninguém em lugar nenhum do mundo.”

A participação da Ecovix acrescentou a perspectiva da construção ao debate, compondo uma análise que reuniu as visões do contratante, da engenharia e da

indústria. A discussão reforçou a necessidade de considerar os efeitos dos modelos contratuais sobre toda a cadeia, desde a elaboração das soluções até a entrega e a operação das unidades.

O diálogo antecipado com o mercado foi apontado como um caminho para aperfeiçoar os modelos, identificar restrições e ampliar a viabilidade dos empreendimentos. A aproximação entre contratantes e fornecedores permite avaliar como as exigências se refletem nas propostas e nas condições de execução, contribuindo para decisões mais consistentes e maior previsibilidade nos projetos offshore.

(Da esq. para a dir.) Jorge Mitidieri (COOEC) e Lourenço Froes (Petrobras)



PAINEL 6 - ENERGIA INTELIGENTE: IA, LRCAP E A NOVA ONDA DE INVESTIMENTOS NO SETOR ELÉTRICO



(Da esq. para a dir.) Jaime Llopis (Grupo Cobra Brasil), Glauber Barreto (Consag), Pierre Medeiros (ENEVA) e Franco Ferraro Neto (Promon Engenharia)

O encerramento dos debates reuniu representantes de Cobra, Eneva, Consag, Deloitte e Promon para discutir segurança energética, inteligência artificial e as perspectivas de investimento no setor elétrico. A conversa conectou as mudanças no perfil de consumo à necessidade de ampliar e modernizar a infraestrutura, garantindo um fornecimento confiável para sustentar novas atividades econômicas.

O painel discutiu a complementaridade entre fontes, o papel do gás natural e as possibilidades do armazenamento de energia. A integração dessas soluções foi apresentada como parte do desafio de atender à demanda e dar maior flexibilidade à operação do sistema, acompanhando as variações de geração e consumo.

A demanda dos data centers e a eletrificação da economia reforçaram a discussão sobre confiabilidade e capacidade de resposta. Além de ampliar a oferta de energia, esse cenário exige coordenar os investimentos em geração e infraestrutura para que a expansão do consumo encontre condições adequadas de atendimento. “O gás natural, a gente enxerga como algo complementar à energia renovável na nossa matriz energética”, afirma Pierre Medeiros, da Eneva.



Mauricio Nichterwitz
(Deloitte)



(Da esq. para a dir.) Jaime Llopis (Grupo Cobra Brasil), Glauber Barreto (Consag), Pierre Medeiros (ENEVA), Mauricio Nichterwitz (Deloitte) e Franco Ferraro Neto (Promon Engenharia)

A fala destacou a importância de considerar a contribuição de cada fonte para a segurança do abastecimento. Nesse contexto, gás natural, renováveis e armazenamento integram uma discussão que envolve disponibilidade, flexibilidade e atendimento às necessidades do sistema.

Expansão da infraestrutura

Os participantes também ressaltaram a necessidade de planejamento de longo prazo e previsibilidade regulatória para viabilizar novos empreendimentos. A definição de condições claras para os investimentos ajuda a alinhar decisões

empresariais, desenvolvimento de projetos e expansão da infraestrutura.

A inteligência artificial apareceu tanto como impulsionadora de novas demandas de energia quanto como ferramenta para apoiar a operação e a gestão dos ativos. O debate reforçou a importância de combinar inovação tecnológica, planejamento e investimentos para acompanhar a transformação do setor elétrico e as necessidades da economia.



(Ao lado) Thomaz Miglio (AP Engenharia) e Aparecido Mello (diretor executivo da ABEMI). Nas fotos, convidados, painelistas, associados e participantes da Jornada



2ª JORNADA ABEMI

de Engenharia e de Projetos Industriais



PATROCINADOR PRATA

 **metroval**

PATROCINADORES BRONZE

 **FLUXO**
soluções integradas

 **INFRA**
ENGENHARIA
PROJETOS INTEGRADOS

 **AP** CONSULTORIA
E PROJETOS

Porsche Consulting

MID

APOIADORES INSTITUCIONAIS

 **SINICON**
Sindicato Nacional da Indústria da
Construção Pesada - Infraestrutura

 **ABEEólica**
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENERGIA EÓLICA E NOVAS TECNOLOGIAS

 **ONIP** Organização
Nacional da Indústria do
Petróleo

100
ANOS

 **ABIMAQ**

OBRIGADO PELA PRESENÇA



Produção: Editora Conteúdo
Textos: Melissa Kechichian e Marciel Oliveira
Diagramação: Matheus Lima
Fotos: Paulo Uras